

“ABRINDO VELAS, PESCANDO CULTURAS¹”: O MAR E O TERRITÓRIO TRADICIONAL DE CAETANOS DE CIMA, EM AMONTADA, CE

Lígia Rodrigues Holanda²

RESUMO

Na tessitura de um mapeamento do patrimônio cultural da comunidade de Caetanos de Cima, localizada no litoral Oeste do estado do Ceará, há que se considerar o lugar central do mar na vida dos Caetanenses, pois estamos falando de uma comunidade na beira da praia, cuja principal atividade econômica, foi, durante várias gerações, a pesca e a mariscagem. Hoje é comum escutar os velhos pescadores e marisqueiras falarem do desaparecimento dessas atividades, fato comumente atribuído ao desinteresse dos mais novos, a escassez do estoque de pescado em função da degradação ambiental e aos riscos do mar. Ainda assim, observamos que o universo da pesca e da mariscagem extrapolam a dimensão de uma atividade econômica, constituindo uma cultura pesqueira que se manifesta em um rico repertório de contações de histórias, músicas, hábitos alimentares, práticas religiosas, dança, artesanato; em uma relação peculiar com o espaço que desemboca na vivência de uma territorialidade específica, compreendida como formas singulares de se relacionar com o espaço, de construir significações, de gerir coletivamente a vida comunitária e o usufruto dos recursos naturais. Esse território estende-se tanto a terra, quanto a água (Little, 2004), pois o mar de Caetanos funciona como uma extensão da terra. Assim, cabe-nos aqui refletir sobre as relações entre as várias manifestações culturais de Caetanos de Cima e a defesa do seu território tradicional.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, Território Tradicional; Territorialidade.

Nas últimas décadas testemunhamos um crescimento de reivindicações acerca do reconhecimento de formas diversas de ocupação dos espaços, de relacionamento entre comunidades, natureza e de produção econômica e cultural peculiares, enfim há uma insurgência de comunidades ou povos tradicionais que, sentido seus modos de vida ameaçados tem se organizado e dado visibilidade as suas demandas. Almeida reflete que o conceito de “terras tradicionalmente ocupadas expressam uma diversidade de formas de existência coletiva de diferentes povos e grupos sociais em suas relações com os recursos da natureza” (2006, p. 22) abarcando povos indígenas, quilombolas, comunidades pesqueiras - que é o foco deste estudo, dentre outras. Esse processo desemboca no desenvolvimento de uma territorialidade que, segundo o mesmo autor, “funciona como fator de identificação, defesa e força [...] Laços solidários e de ajuda mútua informam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável [...]” (2006, p. 24), enfim, o território transcende a ideia restrita de espaço e é um produto histórico de

1 O título faz referência ao nome do projeto do Ponto de Cultura da comunidade, aprovado pelo Ministério da Cultura- MinC em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura- Secult em 2005.

2 É licenciada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú; Especialista em História do Brasil com ênfase em História do Ceará pela Faculdade Darcy Ribeiro e, atualmente está cursando a Especialização em Arte e educação e Cultura Popular no campo pela Universidade Federal do Cariri- UFCA

processos sociais e políticos, sendo necessário compreender ainda que, ao falar em território tradicional há um deslocamento do termo “tradicional” que deve dialogar com as demandas atuais dessas comunidades a partir de suas formas peculiares de uso da terra, e não restrita ao viés da imemorialidade (LITTLE, 2004).

“Esse pedacinho de chão é meu mundo³” disse-nos em entrevista dona Alvina Ferreira, uma das moradoras mais antigas da comunidade de Caetanos de Cima. Afirmativas semelhantes são recorrentes entre outros moradores e apontam para um sentimento de pertencimento a uma lugar, a um território que como dito anteriormente, não deve ser compreendido apenas sob a ótica da propriedade da terra, mas como lugar (ou lugares) de produção cultural (HOLANDA; QUEIRÓS, 2013), pois é sob uma pequena faixa de terra litorânea que a comunidade de Caetanos de Cima vive há várias gerações, tendo como meio de sustentação atividades extrativistas como a pesca artesanal, a mariscagem e a coleta de frutos da região. Somam-se a estas a agricultura de subsistência e o artesanato. Desta forma há todo um sistema de regras para o usufruto do espaço e dos bens naturais, de produção comunitária como é o caso das casas de farinha; de transmissão de conhecimentos tradicionais e de construção de sentidos acerca do território e da vida comunitária.

Os caetanenses conseguem listar pelo menos quatro gerações que vivem no mesmo espaço, o que daria uma ocupação de pelo menos 200 anos. Existem duas versões para o surgimento da comunidade, uma de que eles seriam descendentes de um negro alforriado chamado Caetano, que passou alguns anos lá e depois partiu para Itapipoca, município vizinho, onde fundou a comunidade de Conceição dos Caetanos, hoje titulada como comunidade remanescente de quilombo; a outra versão seria de que eles descendem de índios Tremebé, mais especificamente de uma índia chamada Tereza Barbosa. Ao elencar estas duas versões sobre a “origem” da comunidade nos interessa chamar a atenção para as representações construídas por eles na construção de sua territorialidade e não reforçar a necessidade de uma ocupação imemorial que justifique a regularização fundiária.

Mesmo ocupando o território há tantos anos, eles não possuíam a propriedade das terras e, a partir da década de 1980, quando o turismo começa a ser intensificado no estado, os atrativos da paisagem de Caetanos propiciaram uma série de disputas pelo território. A especulação imobiliária começa a crescer na região. Esse cenário de disputas impôs aos

3 Trecho de depoimento de dona Alvina Ferreira em entrevista realizada no dia 09 de maio de 2014. Dona Alvina é dramista, poeta e, por ocasião da implementação do memorial comunitário da comunidade, foi reconhecida como guardiã da memória, em reconhecimento aos seus conhecimentos.

caetanenses a necessidade de se organizarem para defender o seu território tradicional e, na mesma década, junto a outras comunidades⁴ buscaram a regularização da situação fundiária que culminou na criação do assentamento Sabiaguaba. Entretanto, embora a criação do assentamento tenha representado uma grande vitória, ela não sanou os conflitos pelo território e pela garantia de seus modos de vida. Existem áreas que, mesmo estando demarcada dentro do perímetro de assentamento federal, são ocupadas por posseiros que alegam nunca terem sido indenizados. Recentemente, além dos projetos relacionados ao turismo, a comunidade tem sido ameaçada pela instalação de complexos eólicos na região.

Outro fator que permeia a discussão fundiária em Caetanos é que seu território não está restrito apenas a terra, mas ao mar e outros ambientes aquáticos, o que torna ainda mais difícil uma regularização fundiária dado que não há uma legislação específica (LITTLE, 2002). Desta forma, os pescadores vivem temerosos de que em sua área, seguindo o modelo econômico observado em outras faixas litorâneas do estado, sejam implementados projetos de carcinicultura e aquicultura, conhecidos por eles como “cercas do mar”.

Frente às disputas territoriais, uma das estratégias de fortalecimento da comunidade foi o esforço de sistematização de suas memórias e de seu patrimônio cultural, contando com apoio de organizações não governamentais, pesquisadores e universidades, sobretudo a partir da assessoria do Instituto Terramar e da inserção dos Caetanos na Rede de Turismo comunitário – Rede Tucum. Nesse aspecto foram organizadas algumas publicações, a comunidade se abriu para o acolhimento de pesquisadores e também foi construído um memorial comunitário cujo acervo é composto por fotografias, objetos de trabalho ligado à pesca artesanal e a agricultura, objetos de uso doméstico como pilões e etc e, outros objetos ligados as manifestações culturais locais.

MAPEANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL DE CAETANOS DE CIMA

*Este é o coco da praia (ô baianê
o baianá)*

*Todos na roda a dançar(ô
baianê o baianá*

*Na batida do caixão(ô baianê o
baianá*

4 O assentamento inclui ainda as comunidades da Matilha, Pixaim e a sede de Sabiaguaba.

*E na pancada do mar(ô baianê o
baianá*

*Todos alegres brincando para
tristeza espantar (composição
coletiva do Raízes doCoco)*

Como parte da pesquisa empreendida através do curso de especialização em Arte e Educação e Cultura Popular- Residência Agrária da Universidade Federal do Cariri- UFCA, estamos realizando o mapeamento do patrimônio Cultural de Caetanos de Cima. Para tanto, tomamos como referência a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN, sobretudo no que tange a definição de categorias para o patrimônio, elencadas da seguinte forma: Edificações; Celebrações; Formas de Expressão; Ofícios e Modos de Fazer e; Lugares.

Aproximamos-nos da metodologia da História Oral por compreender que ela “nos permite o estudo das formas como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram suas experiências incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (ALBERTI, 2006, p.165). Isto posto, reiteramos que aqui nos interessa mais compreender como a comunidade de Caetanos tem se relacionado com seu patrimônio; que representações eles constroem sobre esses bens e como isso tem se relacionado na vivencia de uma territorialidade específica⁵ e na defesa deste território, enfim buscamos saber mais sobre a construção de significados que sobre eventos (PORTELLI, 1997, p. 07). Assim, em nosso trabalho de campo, realizamos entrevistas semi-estruturadas, rodas de conversas que eram menos rígidas e que nos permitiam construir uma maior intimidade cm as pessoas e, oficinas temáticas envolvendo diversos sujeitos. Realizamos ainda pesquisa bibliográfica relacionada às questões propostas e, faz-se importante destacar que, além de já existirem outras pesquisas acadêmicas sobre os Caetanos, a própria comunidade tem efetuado algumas experiências de sistematização e escrita de suas memórias.

Ao tratar de Patrimônio Cultural, concordamos com Kersten que ao analisá-lo dentro dos processos sociais, defini-o como construto das dinâmicas da experiência coletiva, sobre o qual cada grupo social manifesta o que deseja como perene e eterno (2000, apud TOMAZ, 2010, p.3), desta forma, a discussão acerca do patrimônio cultural de uma dada sociedade se relaciona diretamente com a sua memória, com a forma que significa e simboliza o seu passado. Compreendemos que a memória

5 Sobre as territorialidades específicas cf. Little

emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada (...) A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (NORA, 1993, p. 09).

Isto posto, a memória se dá a partir do concreto, do vivido e propicia um sentimento de pertencimento a um determinado grupo, ou seja é elemento constitutivo da identidade. As diversas manifestações da cultura popular vivenciadas nos Caetanos de Cima são espaços concretos de enraizamento dessas memórias, pois é através dos cordéis, do coco de praia, do reisado, do preparo de alimentação tradicional e dos lambedores, dentre outras práticas, que se transmitem os saberes sobre a terra e o mar, e é essa relação diferenciada com a natureza “que vai caracterizar uma espiritualidade própria, que será traduzida numa estética de expressão variada” (Tardin, 2012, p.181).

Percebemos que as múltiplas manifestações culturais de Caetanos mantêm uma relação estrita com o território, em especial com o mar. Assim retomamos a ideia defendida anteriormente de que o mar deve ser compreendido como parte do território e que ele figura como um lugar antropológico “isto é um lugar dotado de sentido e marcas identitárias de determinado grupo” (AUGÊ, 1994 apud OLIVEIRA JR. 2006, p. 46-47). Existe uma tênue divisão entre terra e mar, na medida em que, além de compor o imaginário dos Caetanenses, elementos do mar são trazidos para terra através dos alimentos, de artefatos de uso doméstico, de práticas religiosas e de objetos decorativos, por exemplo.

A música foi apontada pelos Caetanenses como uma das linguagens artísticas mais fortes da comunidade, pois desde “muito tempo se toca e se canta nos Caetanos”, eles estão inclusive organizando um livro sobre a história da música na comunidade. Além de cantar e tocar, desde a década de 1970 organizam eventos como festivais de músicas que mobilizam pessoas e grupos de toda a região.

A partir da análise do vasto repertório musical de Caetanos de Cima percebemos a sua identificação com o mar, pois este é um dos temas mais recorrentes:

Na batida do pé
Na batida da mão
No ritmo e barulho do mar
No coco a quebrar
Batida no chão
Esperando chegar
O peixe do mar
Na embarcação

O trecho acima é parte de uma composição de Valneide Ferreira, no ritmo do coco de praia. Nela percebe-se a presença do mar e do ofício de pescador. Numa outra canção, desta vez uma ciranda composta por Maria das Mercês, uma adolescente, novamente a praia e o mar são cantados

A ciranda que te dei ôiá
Todo mundo vai é rebolar
No ventinho da nossa praia
No balancinho das saias
Todo mundo vai se rebolar [repete]

As histórias do nosso lugar
Todo povo vai saber cantar
Celebrando nossa história
Na leveza dessas praias
E curtindo a beleza do mar
(Maria das Mercês)

O mesmo pode ser percebido na poesia, que também é bastante presente na comunidade, utilizando-se principalmente do cordel:

A vida em Caetano
Se resume em pescaria
Porque pescamos histórias
Memórias e alegrias
Um belo terral fresquinho
Para alegrar o dia.

Memória de muitos anos
Crianças sabem contar
História e muitos sonhos
Vivência desse lugar
Um belo peixe fresquinho
Baião de dois pra acompanhar.

A cultura que trazemos
Referência do lugar
Grupo raízes do coco
Para as noites alegrar
Na beira da bela praia
Vamos tomar banho de mar

O cheiro de maresia
Brisa na beira do mar
Uma viola afiadinha
Nos ponhamos a cantar
Serenatas e modinhas para

As damas conquistar

No trecho da poesia elaborado pela adolescente Edineide Ferreira, o mar se faz presente na “beleza” da paisagem, nos cheiros, na pesca, na alimentação, no lazer; além disso também é trazido um pouco da história da música em Caetanos, nos versos que fazem referência as serenatas e modinhas, que, segundo os moradores mais velhos, eram tocadas em meados da década de 1950, fala-se também do grupo “Raízes do Coco”, elemento central na compreensão da relação entre Patrimônio Cultural e o território tradicional de Caetanos de Cima.

O grupo de coco “Raízes do coco” surgiu no ano de 2005 incitados pelo encontro dos povos do mar⁶. Segundo Valneide Ferreira, uma das organizadoras do grupo, sempre se ouviu falar do tempo em que os pescadores se reuniam ao fim de suas jornadas de trabalho para dançar o coco na beira da praia, mas que essa era uma atividade apenas de homens, que a anos havia sido abandonada. Ela e alguns jovens da comunidade sempre insistiam com os mais velhos para que a brincadeira fosse ensinada, havendo sempre uma recusa, tanto, por acreditarem que já não existiam bons emboladores, quanto pela resistência em ensinar uma dança que tradicionalmente era apenas de homens à mulheres.

Numa tentativa de impulsionar o retorno da tradição do coco, Valneide Ferreira, a partir do projeto do Ponto de Cultura, proporcionou o encontro entre os jovens da comunidade e o grupo de coco do Balbino⁷, e tendo estes como referência organizou uma primeira roda de coco, que de pronto gerou insatisfação em uma das moradoras que conhecia a brincadeira original, dona Tereza Ribeiro da Silva, conhecida como tia Tereza.

Ai foi assim, a gente tinha visto o grupo de coco do Balbino e quando chegou a gente se organizou e começou a dançar, assim, que a gente não sabia mesmo, né. Tinha aprendido um puco, mas ninguém dançava direito mesmo... Ai a tia Tereza quando viu aquela arrumação, ficou olhando assim... assim, estranhando e deu um tempo e ela disse: - Isso mesmo num é coco coisa nenhuma. E a gente dizia: é sim! Que foi o povo do Balbino que ensinou. Era pra provocar mesmo, que a gente queria que ela ensinasse e fazia tempo que a gente pedia e nada... ai ela olhou, olhou e a gente naquela danação, dançando o coco de lá. Até que ela se levantou, assim meio zangada e disse que isso não era coco não, que o coco era isso, e ai ela dançou [...] Ai foi muito rápido, todo mundo esqueceu o outro, que não tinha aprendido mesmo, e começou a dançar o coco dos Caetanos [...] Foi uma febre, todo mundo aprendeu rápido demais (Valneide Ferreira, entrevista realizada em maio de 2014).

6 Encontro que a princípio foi articulado pelo instituto Terramar e depois pelo Sesc Ce e que agrega diversas comunidades pesqueiras.

7 Grupo tradicional da comunidade pesqueira do Balbino, no município cearense de Aquiraz.

Dona Tereza conhecia a brincadeira mas, nunca tinha participado de nenhuma roda de coco, pois, como dito anteriormente, elas eram restritas aos homens. A partir deste episódio o grupo se organizou, montou um repertório, convidou o mestre Francisco Holanda – Mestre Ratinho, de uma comunidade vizinha para ajudar nas emboladas e o mestre Francisco Quirino que era tocador e, rapidamente passaram a fazer apresentações, no Encontro dos Povos do Mar, no Teatro José de Alencar, no Centro Dragão do Mar e em outros espaços culturais do estado, como aponta dona Tereza:

Foi muito rápido o coco. Assim, a gente retomou o coco que fazia... fazia duns quarenta anos pra lá que tava parado e num instante a gente ganhou o mundo e se apresentemo naquele bicho... o Dragão do Mar, no teatro, viajamo... Ai todo mundo passou a respeitar o povo de Caetanos. Que é um povo que tem história! (Tereza Ribeiro da Silva, em entrevista realizada em março de 2014).

Este relato nos remete a importância do coco na conquista de uma visibilidade externa, afirmação que é endossada por outros moradores, e que contribuiu no reconhecimento de Caetanos de Cima enquanto comunidade tradicional. Acreditamos que, por um lado esta visibilidade incide na construção/afirmação identitária, dado que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com os outros” (POLLAK, 1992, p. 204) e por outro lado implicou num maior poder de negociação com entes do estado a fim de facilitar o acesso a algumas políticas públicas.

Vale destacar ainda que, a intensa vida cultural de Caetanos, permite um diálogo constante entre gerações o que assume um papel preponderante para que se mantenha viva as memórias do povo de Caetanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da História. In. PINSKY, Carla Bassaneze. **Fontes Históricas**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALMEIDA, Alfredo W. B. “**Terras tradicionalmente ocupadas**: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum”. Terras de Quilombos, terras indígenas, babaçuais livres, castanhais do povo, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSA-Ufam, 2006. p.21-99.
- HOLANDA, Lígia Rodrigues; QUEIRÓS, Agnelo Fernandes de. Os pescadores da Emboaca: memória e oralidade na luta pelo território pesqueiro tradicional. In: **I Seminário de História e Contemporaneidades**, 2013, Crato, Ce. I Seminário de História e contemporaneidades: As dimensões políticas da História e o futuro do passado, 2013. v. I. p. 1351-1365.

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. In. **Anuário Antropológico/2002-2003**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004, pp. 251-290

NORA, Pierre. **Entre memória e história** – a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10,1993, p.7-28

OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto. **O encanto das águas**: a relação dos Tremembé com a natureza. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol 5, nº 10, 1992, p. 200-2012

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In. **Revista eletrônica da PUC**. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/idex.php/revph/article/viewFile/11233/8240>>

TARDIN, José Maria. Cultura camponesa. In. Caldart, Roseli Salette; et al (Org.). **Dicionário de educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular 2013.

TOMAZ, Paulo Cesar. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. **Revista de História e estudos culturais**. Vol. 07, ano VII, Nº 02, 2010.